

# A IDEA



## ORCAM DO CLUB DOS ESTUDANTES

COMISSÃO REDACTORA :—Azevedo Macedo, E. Costa e Saldanha Sobrinho.

### A IDEA

Curityba, 19 de Fevereiro de 1889.

#### LUZ !

Luz ! Luz ! Queremos luz !  
Para que um povo possa ser livre, e  
necessario ter instrução, é preciso luz.

Luz ! em nome da Liberdade ! Nós  
somos americanas ! Na America tudo é  
livre, na America tudo é luz.

Luz ! em nome da America !

Nós amamos a Patria ! Para que a  
Patria seja grande, para que a Patria  
seja livre, é preciso luz.

Nós somos moços ! Para nós, o Futuro  
é tudo. Homens do presente ! quere-  
mos ver um Sol illuminando o Futuro !

Luz ! em nome do Futuro !

Homens da politica ! os moços pedem  
luz !

Os moços estão unidos : um agrupa-  
mento formidavel.

Confraternizada, a mocidade para-  
naense, indignada, brada, com voz re-  
tumbante, em um coro titânico :

Luz ! A' esta palavra sublime, sinis-  
ta para os morecos, os homens da po-  
litica estremecem.

Luz ! E este brado ingente, proferido  
pelos labios ardentes de milhares de  
moços esperancosos secundando aspe-  
rangas rissonhas de milhares de crianças,  
repercutindo por toda parte, ha de levar  
aos corações empedernidos de todos  
esses homens um pouco de remorso.

Luz ! E recordando o seu crime  
execrando, e olhando para as soas con-  
sciencias, esses homens ficarão mudos,  
mudos de horror !

Já vos dissemas destas columnas, e,  
agora repetimos :

Então, oh homens da actualidade !

não tendes filhos, não pensaes, por aca-  
o no futuro ? Não sabeis que a base  
nais solida do desenvolvimto da vos-  
sa Patria é a instrução do povo ? Então  
porque é que vós, que d'aqui a alguns  
instantes haveis de de apparecer da ter-  
ra, não cumpiris o vosso dever como  
homens, como pais, ou como cidadãos ?  
Porque sois tão egoistas ?

Sim ! Porque sois tão egoistas ?

Porque sois tão ambiciosos do po-  
der ?

Maldição sobre vós !

Caracter ! Patriotism ! Puder !

Para onde fostes ?

Porque abandonastes assim a esses  
homens ?

Qu seriam elles que vos abandona-  
ram ?

Luz ! Exigimos luz !

Luz para essas criancinhas innocen-  
tes !

Luz para o Povo !

Escolas ! Mestres ! Livros ! Luz !

Luz ! em nome de vossos filhos !

Considera que, si a Patria for des-  
gracada no Futuro, os vossos filhos par-  
tinharão dessa desgraça !

Só vós, enquanto vivos, serais fei-  
zes !

Parece que sois discipulos de Luiz  
XV, parece que cada um de vós diz  
como elle : Depois de mim o diluvio !

E o diluvio virá, e o Povo cansado de  
soffrir, ha de fazer a Revolução !

Luz ! em nome da Liberdade !

Luz ! em nome da America !

Luz ! em nome da Patria !

Luz ! Luz ! em nome do Futuro !



Patria ! Nome doce e sagrado !

Em ti resume-se uma epopeia !

Amor da Patria ! Amor sublime !

Patria e Mãe — nomes irmãos !

Um dia nasce a criança, sem saber  
onde. Pouco importa-lhe. Ella tem uma  
Mãe e basta-lhe.

Depois, sob os carinhos ternissimos  
da Mãe, ella vai crescendo...

Respira o ar oxigenado do logar onde  
nasceu, e, com elle, o seu sangue avigo-  
ra-se.

E a criança já vai sabendo brincar...

Para brincar, ella sai pelos campos,  
correndo atroz de borboletas multicores,  
e contempla, aparentemente indiffe-  
rente, o céu limpídamente azul da Pa-  
tria.

Mas, aquelle céu imp-essional, aquell-  
e céu fica-lhe indelével a memoria.

O céu da Patria, céu querido !

E a criança torna-se moço.

O moço estuda, o moço pensa, o moço  
compreende e o moço ama.

Enquanto no seio da familia, em-  
quanto nada comprehendia, enquanto  
criança, elle só amava a sua Mamãe, o  
seu Papai, as suas irmãs.

O Papai vòu-lhe tão cedo, como  
aquella borboleta branca que escapara-  
se-lhe, voando nervosamente pelo azul,  
e deixado-a tão triste !

Pobre criança ! Tão pequenina e o  
Papai voar-lhe, assim, tão cedo !

Depois, acostumado a contemplar  
sempre o mesmo céu azul, o mesmo sol  
vivificante, a mesma lua saudosa, as  
mesmas estranhas scintillantes, o moço,  
antes de amar a donzella, amou a Patria !

O amor a Patria é o mesmo amor a  
Mãe.

Amando a Mãe, aprende-se a amar a  
Patria.

Quem não ama a Patria, nada ama.

Eu amo a minha Patria como amo a  
minha Mãe.

E, como choraria si visse afflicta a  
minha querida Mãe, eu choro no cora-  
ção, olhando a minha Patria na actuali-  
dade.



Oh! que miséria! Pobre Patria!

Ha dous annos apenas, eu era criança: nada comprehendia.

Quando o meu espirito aclarou-se um pouco, quando, estudando, eu pude comprehender alguma coisa, senti-me horrorisado!

Eu esperava coisa melhor, tinha mesmo o direito de esperar coisa muito melhor.

Agora, que eu comprehendo tudo, fico indignado contra toda essa miséria, contra todo esse aviltamento, contra toda essa apathia esmagadora, em que, ao sair das brumas da infancia, venho encontrar a minha Patria.

Lendo a Historia, estudando, meditando, eu cheguei a comprehender o Posse, cheguei a comprehender a Revolução Franceza, cheguei a comprehender America, cheguei a comprehender a Liberdade; comprehendi Lincoln, comprehendi Desmoulins, comprehendi Trudantes, comprehendi Bolívar, comprehendi Canaan e soube que, quando eu tiver 21 annos, um rei chamar-me-ia seu subdito!

E tudo isso indignou-me.

Como eu, todos os moços terão passado pelas mesmas esperanças e pelas mesmas decepções.

Moços! Toda nossa esperança está no

Futuro. E' preciso que o Futuro não seja negro como o presente.

Trabalhemos! estudemos! lutemos!

A America é livre e nós somos americanos!

Dariamnos a vida pelas nossas mãis.

A nossa Patria agonisa, a nossa Patria morre, asphyxiada pela corrupção.

Moços! Salvemo-la!

Garibaldi, Fevereiro, 89.

SALAMMA SOMNHO.

## Sena Madureira

Fazem hoje 21 dias, que victima d'um accesso pernicioso, falleceu no Rio de Janeiro o illustre cidadão e bravo militar tenente-coronel Antonio de Sena Madureira.

De caracter ativo, independente e de mais fina tempera, esse distinto cidadão era o mais ousado e o primeiro dos combatentes pelos direitos da briosa classe militar, direitos que não devião ser postergados jamais!

Official distinto, soldado valente, e mais que tudo, personificação d'um caracter nobre e ativo e da honra militar, o donoduto campeão dos direitos do exercito, conquistou a sympá-

thia e amizade do exercito brasileiro dos seus irmãos d'armas, e a sua quebra na phalange heroica dos combatentes ousados e ativos um sulco que muito difficilmente, por desgraça do exercito, se preencheu, porque, em geral, a corrupção do governo quebra a bella independencia de caracter e a ousadia de quem julga ter direitos, em um paiz onde o direito não é respeitado.

O illustre morto, muito e muito se salientou entre os seus companheiros, pois que era o ativo advogado da honra militar; era para elle que se voltavam todos os olhares deste paiz, no momento em que erguia-se ativo e sobreano no meio da lucta para profligar os erros do nosso infeliz governo que pouco a pouco se despenca pelos degraus da immoralidade.

Junto ao seu tumulo, as imagens inconsolaveis da Patria desgrenhada e da honra militar, velam o somno eterno do seu filho e do seu defensor, para quem se abrem as paginas immortaes da historia, e pelo qual se contrahiram muitos corações no revoir de amarga saudade!...

Paz ao batalhaor que cahio no meio da lucta, e pazames á familia, ao exercito e á Patria.

## Folhetim

### ZAIRA

(A' NITTO VENTUROSO)

I

A noite estendêra-o manto sombrio e pardacento sobre as areias desertas do deserto adormecido.

A luzem seo mingoante, descondia os pallidos reflexos e tímida oscillava as magestosas ruínas da decabida Pannyr.

Recostada á uma columna partida, uma filha do deserto vagueava o olhar amontecido, e tentava descobrir, na silenciosa immensidade, alguém que certamente, prendera-lhe o coração juvenil.

Suaum descampava a monstruosa cabeça nas amedrontadoras trombas de areia, e deixava a melancolica aragem, perpassando, acidental o em seu leito revoltado...

II

Quem procura, oh filha do deserto? quem buscas entrever na arida planície

allumando pela tibia claridade de lua? quem esperas?

Porque brilhaes em teos olhos de velado essas mudas e expressivas lagrimas?

Que dor transtorna teu rosto morena, tão formoso e gentil?...?

Consola-te, apaixonada e desditosa Zaira!...

Usa teos brandos suspiros com os anaviosos queixumes da brisa! Enxuga o pranto crystallino nos fios assetinados de teu negro cavallo!...

III

— «Ah!... como padeco!... Inda o levante-se não tinha accendido com os fogos do crepusculo, e já estava eu aqui, entre estas ruínas assustadoras, donde as auras levantam lugubres gemidos... Fatizo meo pai e meo noivo, montados em seus ligeiros coreas, procuram me affictos... Meo pai: o auctor de meos dias, o anonio que tantas vezes seccou minhas lagrimas de moça em suas cans. prateadas pelo gelido sopro dos annos; meo noivo, o companheiro de meos folguedos, o amigo sincero e leal, meo guia attencioso e guarda dedicado.... Mas, para que, lembranças de um passado in-

nocente e feliz, vinde despertar em minha alma recordações tão meigas e cruéis?... Para que, quando não posso voltar aos lugares onde passei meos primeiros dias?...?

Por ventura deye a mulher seduzida procurar aquelles a quem despedadaamente ferio?... Terão ellas compaixão para uma victima do amor? Não: «é tarde... é muito tarde!...»

E' com honra que lembro-me dos que mais estimei; sim, porque viriam arrancar-me dos braços do pallido estrangeiro, por quem vivo e estremeço... Era pela manhã, quando elle deixou-me, promettendo voltar... o sol descreveo seo curso costumado; a lua já declina no occidente... eo meo amor, minha vida, não tornou ainda ao lugar onde por elle suspiro!...

Sinto abandonar-me a esperança: a fraqueza apodera se de meos fatigados membros; o pensamento desvaia; turva-se me a vista...

Vem, pallido estrangeiro!.. vem depressa! que tua Zaira desfalece de saudade e dor...»

A joven unio as mãosinhas em attitudede supplicante; os olhos curvaram-se; e a encantadora fronte pendeo-lhe para o peito anhelante...



## Noites de Agosto

Por estas noites frias e brumosas  
E' que melhor se pôde amar, querida !  
Nem uma estrella pallida, perdida  
Entre a nevoa, abre as palpebras me-  
(drosas...)

Mas um perfume caído de rosas  
Corre á face da terra adormecida ;  
E a nevoa cresce, e em grupos repartida,  
Enche os ares de sombras vaporosas.

Sombras errantes, corpos nus, ardentes  
Carnas lascivas... um rumor vibrante  
De attinias longas e de beijos quen-  
(tes...)

E os céos se estendem palpitando, cheios  
Da tépida brancura fulgurante  
De um turbilhão de braços e de seios.

OLAVO BILAC.

## O PRANTO E O RISO

Era um velho feliz e alegre  
Tinha sua esposa, seus filhos, seus  
parentes, seus amigos ; nada lhe fal-  
tava : sua aspiração era somente vi-  
ver porque elle achava deliciosa a  
vida.

Elle estava só e pensava talvez na

Era como a mimosa flor, desabrocha-  
da ao levantar do orvalho, pendendo  
emurechecida aos últimos raios do sol.

### IV

A lua continuava allumiando triste-  
mente o adormecido deserto ; a brisa  
desprendia maviosos e apaixonados ge-  
midos ; as ruínas reproduziam na areia  
suas phantasticas formas .

Um homem, pallido e formoso, arque-  
jante, com os lábios encrespados, o olhar  
immovel, procurava, entre as ruínas,  
abaixando se a cada instante, algum ob-  
jecto precioso... Inesperadamente tro-  
peçou com um corpo estendido no solo :  
era corpo feminino, esbelto e gracioso.

— «Zem-lo brahub o desconhecido,  
abrapantando-se ao corpo inanimado...»

Ao som d'aquella voz, que lhe era tão  
meigo ; ao sentir o objecto de seus pen-  
samentos ; a joven acabei despertou do mor-  
tifero lethargo :

— «Husebro !» exclamou. conchegan-  
do a si o querido mancebo.

— «O !... ainda vive... Louvado se-  
jas, Senhor !...»

— « Adeos !... » murmurou a joven,  
desprendendo o ultimo alento.

ARABIS.

vida, e em o contemplava occultamen-  
te.

No meio daquella pensar, em vi ro-  
laram pelas suas cans duas bagas de  
lagrimas : o velho chorou.

E eu pensei que o velho soffria  
qualquer cousa.

No mesmo instante elle sorrio : a  
lagryma transformou-se em riso. E  
disse consigo:

— «Lagrymas ! Para que estas la-  
grimas ? Para que chorar, si eu sou  
tão feliz, si de meus lábios só devem  
sahir risos ?

Oh ! mas o pranto foi feito para a  
dor e para o prazer.

Seo autor é o coração. Chora-se  
quando se deve chorar e chora-se  
quando se deve rir : no primeiro  
caso chora-se porque qualquer dor  
nos opprime ; no segundo, porque a  
alegria superflua no coração, deposito  
das sensações mais sublimes

E quem me diz que o riso não ser-  
ve também para o prazer e para a  
dor ? O homem ni na occasião em  
que qualquer cousa se harmonisa  
com as paixões dos seus sentidos, pro-  
duzindo o que se chama—prazer. Elle  
ni ainda diante de qualquer impres-  
são de horror, ri-se para attar blas-  
phemias contra a injustiça dos ho-  
mens, contra a sociedade, contra o  
mundo de illusões em que vivamos ;  
mas, então, o seu riso é outro: E' um  
riso sarcástico, dondê, que vale qua-  
si o mesmo que o pranto, que escar-  
nece, que lastima a depravação hu-  
mana. Elle ri-se de dor, ri-se de hor-  
rorisado !

«Chora-se para a dor e para o pra-  
zer, ou ri-se para o prazer e para a  
dor : eis o pranto e o riso, palavras  
antonymas, formadas synonymas»  
E levantou-se.

O pranto e o riso são suavizadores  
da vida.

Alexandre Herculano disse : «Que  
fôr a vida si nella não houvera la-  
grymas ?» e eu accrescento : — E si  
não houvera risos ?

Curitiba, — Janeiro de 89.

AZEVEDO MACEDO.

— 0 —

## Louquinha

Louquinha .. tu tens uns risos,  
Fremidos, frescos, alegres ;  
São castos... são paraísos  
Os teus risos.  
Tremidos, frescos, alegres.

Louquinha.. tu tens uns beijos,  
Molhados, quentes, macios...  
São pinhaes de mãos desejos  
Os teus beijos,  
Molhados, quentes, macios...

Louquinha .. tu tens uns olhos  
Onde naufrago em ardencia,  
São uns accessos abrolhos  
Os teus olhos,  
Onde naufrago em ardencia.

Louquinha .. tu tens uns seios,  
Ondados, voluptuosos,  
São catacatas de aneios  
Os teus seios,  
Ondados, voluptuosos.

HUGO LEAL.

## O beijo

(A PRETEXTATO TABORDA)

O beijo é necessario.

Um homem que morresse sem nunca  
ter beijado faces rosas de mulher bonita,  
não teria vivido.

O beijo é a vida.

A criança renasce ao influxo doce do  
beijo materno.

O beijo de Mãe é a pureza, a sublimi-  
dade no beijo.

Uma menina, beijando uma flor, é um  
anjo.

Quando dois amantes se beijão nos lá-  
bios quentes, a alma communica-se-lhes  
pela bocca.

O beijo de amor, traz consigo pedaços  
de corações.

O beijo faz referver o sangue nas veias,  
dando-lhe um vigor sobrehumano.

Não ha amor, sem beijo.

O beijo é o interprete do coração.

Seado assim, o beijo deve ser sempre  
digno, sincero : si não, elle pôde ser tudo,  
menos beijo.

O estalido suave de um beijo de mulher,  
produz-me, nos nervos impressionaveis,  
uma sensação extraordinaria, indefini-  
vel : enlouquece-me.

O beijo é tão necessario como o riso ou  
a lagryma.

Elle serve para a alegria e para a dor.  
Beija-se, riando e beija-se, chorando !

Alexandre Herculano disse :

«Que fôr a vida, si nella não houvera  
lagrymas ?»

O Macaco accrescenta : «E si não hou-  
vera risos ?»

Por minha voz, eu digo : E si não hou-  
vera beijos ?

Curitiba, Fevereiro — 89.

S.



## Fructas e rosas

(Campoamor)

Uma rosa entre fructas, minha amada,  
Um dia eu te mandei... tu que me escu-

Dize: porque essa bocca perfumada  
Beijou a rosa sem comer as fructas?

Uma outra vez eu fiz te igual presente,  
Rosa entre fructas... mas porque, formo-

Essa bocca a se abrir avidamente  
Comeu as fructas sem beijar a rosa?

RAYMUNDO GONCALVES.

## Noticiario

### O JORNAL DAS CRIANÇAS

Com esta epigraphie, a mesma do nosso editorial do numero 9, o nobre e valente collega da—«A Republica», inspirado talvez nas nossas palavras despretenhidos, mas nascidas do coração, lançou no seu n. de 11 do corrente um notavel artigo, cheio de palavras animadoras para nós, embora exagere muito os nossos mercimentos.

O nosso digno collega, dizendo tudo aquillo, procurando animar aos moços, não fez mais do que cumprir o seu dever de patriota, porque auxiliar a mocidade é trabalhar pela Patria, pelo Futuro.

Por isso, nós lhe enviamos d'aqui uma saudação fraternal, entusiasticamente sincera.

### ATTENTADO

Um mocho damnado, ruína surdamente entre nós um attentado sinistro contra a luz.

Um corvo de batina, um representante das trevas, um repugnante adversario da luz acabou de pedir licença ao governo para ensinar a cartilha nas escolas publicas!!

E, o governo conceder-lhe!!  
Isto nos enche de uma indignação santa.  
Na escola, nesse santuario de luz, não

póde ter ingresso o mocho.

Cada escola tem o seu mestre, que deve ser illustrado, e que, portanto, saberá educar os seus discipulos sem precisar recorrer á cartilha.

O padre quer ensinar moral; e elle é o mais incapaz para isso.

A cartilha atraza, além disso, o espirito da creança.

O padre que se contente com os ignorantes que já existem e que não queira formar novos.

Roma pertence ao passado.

E nós dizemos como Victor Hugo:

«Respeitamos em um ou outro ponto e poupamos no seu todo o passado, com tanto que elle se reconheça morto. Si quizer ser vivo atacal-o-hemos e buscamos mata-lo.»

Em nome do futuro, protestamos energicamente contra essa intervenção do padre na escola.

Protestamos! A creança precisa de luz, luz! e o padre irá ministrar-lhe somente trevas!

Na escola, o padre não pode entrar! Para fora, tantinho!

Mocho! O teu logar é lá, nas ruínas do passado!

### CLUB CURITYBANO

Esta sociedade que até ha pouco, de litteraria tinha só o nome, tem ultimamente renascido.

Temos sido gentilmente convidados pela digna Directoria para assistir ás utilissimas conferencias litterarias e scientificas que ali se tem realizado.

Abriu a serie das conferencias o Sr. conego M. Vicente da Silva, que disse: «sobre a these scientifica—o orgão e natureza do homem—», aceitando, naturalmente, as theorias biblicas.

O orador mostrou-se um homem de talento e elevada illustração; mas expoz o seu modo de pensar sobre a origem do homem, sem fundar-se em factos positivos que compromettessem as suas theorias, com as quaes não concordamos.

—Realizou-se a 2ª conferencia, a 2 do corrente, o sympathico Dr. Gastão da Cunha, que dissertou sobre a these—«Philosophia de hoje», mostrou-se quasi inteiramente de accordo com o orador precedente, revelando, entretanto, profunda illustração e muito estudo.

A 3ª conferencia estiveram presentes muitas senhoras.

Louvamos a Directoria do Club pelo bello acto de tentar espalhar a luz entre a população curitybana, e, penhoradissimos, agradecemos o amavel convite.

### CENTRO TYPOGRAPHICO

Inaugurou-se, ha dias, nesta capital, a sociedade—Centro Typographico Paranaense, na qual aggreemam-se, com fins muito louvaveis e dignos, os nobres artistas—discipulos de Gutenberg, que com o seu trabalho honesto, concorrem poderosamente para a diffusão da luz pelo cerebro popular.

Na sessão inaugural, esta redacção fez-se representar pelo nosso collega Saldanha Sobrinho.

Aos sympathicos artistas, que comprehendem finalmente que só pela união é que poderão realizar os seus ideaes, enviamos uma sincera saudação e pedimos que não desanimem.

### ERRATA

No artigo — *Canta ao publico* —, que publicamos no nosso ultimo numero, sahiram, por engano de revisão, alguns erros de grammatica, que o leitor intelligente e sem malicia, terá sabido corrigir e desculpar.

### GUARAPUAVA

Nesta cidade do interior, uma associação installou, no dia 9 do passado, uma aula de ensino primario e secundario, dirigida pelo Sr. professor Augusto D. M. M. M.

No acto da installação, realisa-se n'um dos predios do Sr. Francisco C. L. Rocha, iniciador da fundação da referida aula, fizeram discursos os Srs. Rocha e Dr. Alkies Pinto.

A fundação dessa aula é directamente um protesto á supressão de escolas, e indirectamente um contra protesto a um certo protesto...

## Editorial

### DESPEDIDA

Ausentando-me desta provincia, venho por este meio despedir-me dos meus amigos, collegas e parentes, offerecendo-lhes o meu limitadissimo prestimo em S. Paulo, onde permanecerei algum tempo.

Curitiba, Janeiro de 89.  
Emmilião A. de Leão.